

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**A AULA DE PORTUGUÊS NO ENSINO MÉDIO:  
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA**

**Claudianne da Silva Ferreira**

Guarabira – PB  
2014

**Claudianne da Silva Ferreira**

**A AULA DE PORTUGUÊS NO ENSINO MÉDIO:  
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edilma de Lucena Catanduba.

Guarabira – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F383a Ferreira, Claudianne da Silva  
A aula de português [manuscrito] : / Claudianne Da Silva  
Ferreira. - 2014.  
31 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.  
\*Orientação: Edilma de Lucena Catanduba, Departamento de  
LETRAS E EDUCAÇÃO\*.

1. Leitura. 2. Escrita. 3. Ensino. I. Título.

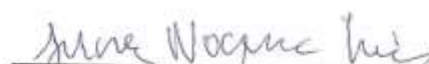
21. ed. CDD 028.5

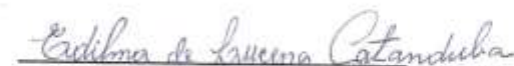
Claudiane da Silva Ferreira

**A AULA DE PORTUGUÊS NO ENSINO MÉDIO:  
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

  
**Profª Drª Maria de Fátima de S. Aquino**  
Membro

  
**Profª Drª Juarez Nogueira Lins**  
Membro

  
**Profª Drª Edilma de Lucena Catanduba**  
Orientador (a)

Guarabira  
2014

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, Maria Carmélia da Silva Ferreira e Carlos Antonio Ferreira, que me incentivam e me encorajam para a realização dos meus sonhos. Obrigada por tudo.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela força, saúde, sabedoria e coragem que bondosamente me oferece para que eu possa alcançar meus objetivos.

A toda equipe de docentes da Universidade Estadual da Paraíba Campus III, que tive o privilégio de conhecer e que transmitindo o conhecimento, marcaram a minha vida acadêmica, uma vez que não foram apenas professores, mas sim, grandes mestres e grandes amigos.

A admirável Professora Edilma de Lucena Catanduba, pela orientação, paciência, apoio, dedicação e disponibilidade com que acompanhou a elaboração desta pesquisa. Além do carinho com que sempre me tratou, se constituindo para mim, em um exemplo de profissional a seguir, contribuindo para o meu aprimoramento intelectual, profissional e pessoal.

A todos os colegas de Curso da turma 2009.2 noite e a todos aqueles que conheci nas turmas em que passei durante a graduação, em especial Raphael Caparica e Sandrine Eufrásio, que tornaram-se bem mais que colegas de turma e que apesar da distância sempre torceram e torcem por mim. Agradeço por todos os momentos que compartilhei com todas as pessoas que conheci nestes anos de estudo, pelo aprendizado que obtive com cada uma delas, e pela amizade que construímos. São pessoas inesquecíveis na minha vida.

A minha Irmã, pelo apoio e por sempre acreditar em mim, me estimulando seja com palavras ou atitudes.

A minha avó pela torcida e pelas orações que sempre me direcionou.

Aos meus amigos, que me estimulam e estiveram torcendo por mim, em especial a XavyellaMaevya e Andréia Santos, duas grandes amigas incentivadoras.

Minha eterna gratidão a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. Focalizando o ensino de Português.....	13
2.1 A tarefa da escola.....	13
2.2 Metodologias utilizadas nas aulas.....	14
2.3 Planejamento.....	15
2.4 Avaliação.....	16
3. Ajustando a Lupa.....	17
3.1 Focalizando a leitura.....	17
3.1.1 Os gêneros textuais.....	19
3.1.2 Os conhecimentos prévios.....	20
3.2 Focalizando a Escrita.....	21
4. A atuação do Professor e a contribuição do estágio docência para a formação profissional: relato de uma vivência.....	23
5. Considerações Finais.....	28
6. Referências Profissionais .....	31

Aprendi que o ato de escrever é uma sequela do ato de ler. É preciso captar com os olhos as imagens das letras, guardá-las no reservatório que temos em nossa mente e utilizá-las para compor depois as nossas próprias palavras. [...] Aprendi que, para aprender a escrever, tinha de escrever. Não adiantava só ficar falando de como é bonito escrever; eu tinha mesmo de enfrentar o trabalho braçal (e glúteo) de sentar e trabalhar. (SCILIAR, 1995)



## **RESUMO**

Este trabalho apresenta uma reflexão que tem como seu principal objetivo investigar a importância da leitura para o aprimoramento da escrita no Ensino Médio. Para tal, desenvolveu-se uma pesquisa sobre a importância da leitura e suas contribuições para a escrita, baseada na visão de diversos autores, assim como o relato do estágio supervisionado onde pude entrar em contato direto com as dificuldades enfrentadas pelos alunos. Toda esta pesquisa traz muitas informações sobre o importante papel da leitura para o aprimoramento da escrita e, como professor pode influenciar nesse importante processo de leitura/escrita. Teóricos e Educadores consideram que as instituições de ensino não cumprem mais a missão de integrar o indivíduo ao meio social em que vive, já que a maioria delas impõe um modo único de saber, não se adaptando ao pluralismo cultural. Por isso, mudanças são necessárias, com o objetivo de tornar mais eficiente o dia-a-dia escolar. Este artigo discute a necessidade de mudança do trabalho do professor para que ele utilize o ensino da leitura e da escrita como prática social, considerando suas próprias experiências e teorias acadêmicas fundamentadas. É preciso que se promovam mudanças significativas na escola, para que esta possa ser um instrumento de inserção do sujeito na sociedade pós-moderna. Para cumprir esse intento os professores, profissionais da esperança, devem ser estimulados a uma verdadeira inovação pedagógica.

Palavras - chave: Leitura, Escrita, Ensino, Escola.

## **ABSTRACT**

This paper presents a reflection that has as its main objective to investigate the importance of reading for writing improvement in high school. For such a study was conducted on the importance of reading and its contribution to the writing, based on the view of many authors, and the status of the account supervised where I come in direct contact with the difficulties faced by students. All of this research brings a lot of information about the important role of reading for writing improvement and, as a teacher can influence this important process of reading / writing. Theorists and educators believe that educational institutions no longer fulfill the mission of integrating the individual to the social environment they live in, since most of them impose a single way of knowing, not adapting to cultural pluralism. Therefore, changes are needed in order to make more efficient day-to-day school. This article discusses the need for teacher job change for him to use the teaching of reading and writing as a social practice, considering their own experiences and based academic theories. It is necessary to promote significant changes in school, so that it can be a subject of the insertion tool in postmodern society. To fulfill this purpose the teachers hope, professionals should be encouraged to a real pedagogical innovation.

Key - words: Reading, Writing, Teaching, School.

## 1. Introdução

Esta pesquisa objetiva refletir sobre a dificuldade que os alunos apresentam com a leitura e a elaboração de textos, especificamente os alunos do Ensino Médio, e sobre a importância do papel do professor de Língua Portuguesa nestes processos.

Meu interesse por este tema surgiu durante o Estágio Supervisionado II, no período 2013.2, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, quando tive a oportunidade de observar e aplicar aulas no Ensino Médio em Escolas Públicas Estaduais. Verifiquei que a maioria da turma do 1º ano apresentava dificuldades com a compreensão e a elaboração de textos. E a constatação de tal situação provocou em mim um sentimento de surpresa e decepção, mas ao mesmo tempo um imenso desejo de contribuir para a transformação daquele quadro.

O primeiro passo em direção à mudança é perceber quais as razões que têm levado a este resultado educacional negativo. Minha busca por explicação levou-me a levantar algumas hipóteses. Dentre elas destaco a falta do hábito da leitura dentro e fora da escola, já que a leitura nos familiariza com as palavras e aumenta nosso vocabulário, facilitando assim a escrita.

No contexto externo à escola, é possível pensar que o hábito da leitura não é estimulado pela família, que não lê e não cultiva a leitura em seu cotidiano, além de colocar muitas vezes a educação do seu filho sob a total responsabilidade da escola, eximindo-se de sua própria responsabilidade. Se em casa não existem leitores, dificilmente haverá o incentivo à prática da leitura. Desta forma, quando alunos oriundos de lares onde não há leitura chegam à escola e se deparam com os livros e textos a serem trabalhados, preocupam-se mais com o tamanho do texto (ficam amedrontados quando o texto é grande) do que com o conteúdo, com o conhecimento que está dentro dele.

No contexto interno, observamos que a escola limita o ensino da língua à gramática normativa descontextualizada, seguindo regras e padrões tradicionais. Desta maneira, limita também o interesse do aluno pela leitura e pela escrita, fazendo com que ele veja o livro como algo chato e cansativo.

É clara a insatisfação da maioria dos jovens quando falamos sobre leitura e escrita. Raros são os que compram livros para si mesmos, sem que sejam obrigados a isto. E quanto mais eles precisam deste domínio, mais eles rejeitam. Tal rejeição se arrasta desde as primeiras séries do ensino fundamental e aumenta a cada ano letivo. Muitos alunos chegam ao ensino médio com deficiências que deveriam ter sido trabalhadas muito antes. Leem e escrevem muito aquém do desejado. Isto dificulta o aprendizado, e faz com que o aluno não consiga acompanhar conteúdos próprios de cada fase do período escolar. Se um Professor não prioriza em aulas de Língua Portuguesa, o ensino da leitura e escrita, onde este aluno irá aprender? Além disso, o tradicionalismo está prejudicando este processo e impossibilitando jovens de aprenderem de forma prazerosa uma gramática normativa contextualizada. Isso nunca mudará se os educadores não melhorarem suas práticas pedagógicas e integrarem a leitura e a escrita entre seus alunos cotidianamente e de forma prazerosa. Quais as condições que devem ser criadas para que alunos do ensino Médio tenham a capacidade de interpretar e produzirem textos de qualidade?

Para refletir sobre questões como essa, e compreender até que ponto o ensino da Língua Portuguesa contribui ou não para a aprendizagem da Leitura e da Escrita de Textos, neste artigo, tive como aporte teórico, estudos realizados por Antunes (2003), Koch (2006), Ribeiro (2001), Kramer (2003), Marcuschi (2008), dentre outros autores que se interessam pelo ensino da Leitura e da Produção Textual. Tomarei como ponto de partida, o estudo acerca dos resultados que constam no relatório apresentado à disciplina Estágio Supervisionado II, levando em consideração as observações das aulas e as atividades desenvolvidas.

Este artigo está dividido em três momentos: primeiramente há uma introdução com a apresentação do tema, os objetivos, a fundamentação teórica e a metodologia utilizada. Em seguida, apresento um panorama sobre as aulas de português, desde os conteúdos abordados à avaliação, focalizando a leitura e a escrita e a atuação do professor neste processo. Por fim, faço as considerações finais e elenco as referências utilizadas para a elaboração deste trabalho.

## 2. FOCALIZANDO O ENSINO DE PORTUGUÊS

### 2.1 A TAREFA DA ESCOLA

A sociedade insiste em não ver a realidade de que muitos alunos chegam ao Ensino Médio sem ler e escrever corretamente, especialmente em escolas públicas. Continua-se investindo e persistindo num modelo educacional que já não atende mais as necessidades da atualidade. O desejo de igualdade para todos continuará sendo uma utopia se os jovens não conseguirem superar este grande desafio de concluir o Ensino Médio lendo e escrevendo de maneira eficaz. Um indivíduo que não tem o domínio da sua Língua Materna terá dificuldades para progredir profissionalmente, e em suas relações pessoais. A leitura e a escrita são inseparáveis, não dominá-las, pode significar ficar à margem de uma sociedade que a cada dia inova em conhecimento e tecnologia. Segundo Kramer (2003, p. 66), “a leitura e a escrita podem, à medida que se configuram como experiência, desempenhar importante papel na formação”.

A Escola tem como principal tarefa ensinar os alunos a ler e escrever. Os professores que nela atuam, devem estar conscientes desta tarefa perante os alunos. Devem proporcionar momentos em que os educandos entrem em contato com a leitura e a escrita, através dos mais diversos tipos de textos e gêneros textuais. Devem fazer um trabalho voltado para o estímulo de aprender a ler e escrever. Para que isto aconteça, é preciso que a Escola tenha em sua proposta pedagógica, objetivos claros para a atividade educacional, levando em consideração que: “A leitura e a escrita são muito importantes para que as pessoas exerçam seus direitos, possam trabalhar e participar da sociedade com cidadania, se informar e aprender coisas novas ao longo de toda a vida”. (BRASIL, 2006, p. 05).

Segundo Antunes (2003), a atividade pedagógica de ensino do português deve tomar como eixos fundamentais quatro campos: oralidade, escrita, leitura e gramática. No que se refere às práticas de leitura em sala de aula, coloca que as atividades devem garantir leituras diversificadas e motivadoras, tendo como meta uma atividade crítica, que extrapole a mera decodificação de palavras e chegue à interpretação dos aspectos ideológicos do texto. O trabalho com a gramática, para ela, terá que prever a pluralidade de normas linguísticas, pois “a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, leem e escrevem nas práticas sociais de uso da

língua” (ANTUNES, 2003, p. 89). Para a autora as aulas de português seriam aulas para falar, ouvir, ler e escrever textos em língua portuguesa.

É clara a crise da escola em meio a uma sociedade que vislumbra diariamente os avanços e facilidades tecnológicas modernas, e ao mesmo tempo forma indivíduos despreparados para o mercado de trabalho. Apesar disso, uma prática bem discutida em ambiente escolar e um planejamento coletivo podem contribuir para o aperfeiçoamento docente. O professor deve sentir a necessidade de mudar para atender às necessidades da sociedade que está em constante transformação. Desta forma, cabe à escola fornecer condições para que seus profissionais possam discutir seus problemas e buscar soluções num trabalho colaborativo.

Oferecer melhores condições para a aprendizagem na escola implica redimensionar metodologias no contexto de um planejamento coerente com os conteúdos e objetivos do ensino. Se esses aspectos estão bem definidos, isso terá reflexos nos resultados das avaliações propostas. Na sequência, alguns comentários mais específicos sobre estas questões.

## 2.2 METODOLOGIAS UTILIZADAS NAS AULAS

Ainda é comum encontrarmos estratégias utilizadas em sala de aula, que estão muito ultrapassadas, apesar deste assunto já ter sido tão discutido. Não basta apenas o professor transmitir para seus alunos as teorias linguísticas, regras e fórmulas de memorização. Ensinar a Língua Portuguesa é ir além de unidades mórficas e estruturas sintagmáticas. A ideia errônea que parte de alguns profissionais de que o aluno só aprende a Língua através do foco na gramática ou na acumulação gradual de itens não ajuda no desenvolvimento da linguagem e sim serve para diminuir a motivação em sala de aula.

Ribeiro (2001:155) ressalta que este ensino,

Torna-se repetidor da metalinguagem da gramática, quando deveria compreender a atividade de fala de seus alunos com funções e usos contextuais, gastando seu tempo precioso de aula em atividades com períodos e orações como se fossem objetos prontos, cuja análise sintática continua sendo o centro das atenções, juntamente com a elaboração de exercícios

envolvendo meramente questões de nomenclaturas, ou preenchimento de lacunas.

### 2.3 PLANEJAMENTO

Segundo Celso Vasconcellos (2000, p.35):

Planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto; é buscar fazer algo incrível, essencialmente humano: o real ser comandado pelo ideal [...]. O planejamento só tem sentido se o sujeito coloca-se numa perspectiva de mudança.

Uma escola que planeja seus trabalhos educativos, que cria projetos-pedagógicos para ajudar no desenvolvimento educacional, aumenta a possibilidade de melhorar o ensino e a assimilação de conteúdos pelos alunos.

Menegolla e Sant'Anna (2001) explicam que o planejamento também serve para desenvolver tanto nos professores como nos alunos uma ação eficaz de ensino e aprendizagem, uma vez que ambos são atuantes em sala de aula. Porém, é de responsabilidade do professor elaborar o plano de aula, pois é ele quem conhece as reais aspirações de cada turma.

Infelizmente, apesar de o planejamento ser de suma importância, existem professores que são negligentes na sua prática educativa, improvisando suas atividades. Muitos repetem planos de aulas de anos anteriores, ou de outros colegas, apenas para preenchimento de fichas, sem dar importância à realidade dos seus alunos. Em consequência, não conseguem alcançar os objetivos quanto à formação do cidadão.

Fusari (2008, p.47), diz sobre planejamento:

O preparo das aulas é uma das atividades mais importantes do trabalho do profissional de educação escolar. Nada substitui a tarefa de preparação da aula em si. (...) faz parte da competência teórica do professor, e dos compromissos com a democratização do ensino, a tarefa cotidiana de preparar suas aulas (...).

Os professores precisam quebrar o paradigma de que o planejamento é um ato simplesmente técnico e passar a se questionarem sobre o tipo de cidadão que pretendem formar, analisando a sociedade na qual ele está inserido, bem como suas necessidades para se tornar atuante nesta sociedade. Partindo do princípio de que o professor deve ensinar os conteúdos e também formar o aluno para que ele se torne atuante na sociedade, ele deve organizar seu plano de aula de modo que o aluno possa perceber a importância e o objetivo do que está sendo ensinado para o seu dia-a-dia ou para seu futuro.

## 2.4 AVALIAÇÃO

Os professores utilizam diversos instrumentos de avaliação em suas salas de aula. Mas as formas de avaliação que aparecem com mais frequência nas escolas são: a prova escrita e os trabalhos em grupo. Durante as observações feitas através de estágios em sala de aula, percebi, com muita clareza, que a maioria dos professores, mesmo considerando a avaliação essencial, aplicava-a como forma de controlar o comportamento de seus alunos e classificá-los como os “melhores” alunos, alunos medianos ou alunos “problema”. Dessa forma, pude notar que a maior parte das práticas avaliativas empregadas pelos professores, acaba não contribuindo para a construção do conhecimento dos educandos, criando verdadeiros problemas de aprendizagem.

O educador ao lidar com a avaliação da aprendizagem escolar deve ter em mente a necessidade de colocar em sua prática diária, novas propostas que visem a melhoria do ensino, pois a avaliação é parte de um processo. Ela não é um fim em si mesma, e deve ser utilizada como um instrumento para a melhoria da aprendizagem dos educandos.

Diz Hoffmann (2005, p.40):

A avaliação enquanto mediação significa encontro, abertura ao diálogo, interação. Uma trajetória de conhecimento percorrida num mesmo tempo e cenário por alunos e professores. Trajetos que se desencontram por vezes, e se cruzam por outras, mas seguem em frente, na mesma direção.

Ainda segundo Hoffmann (2003), as condições atuais da avaliação, autoritária e coercitiva, acabam por determinar situações de sucesso ou fracasso escolar, por exigir a memorização e reprodução de informações pelos alunos. Dessa forma, a prática



avaliativa se torna comparativa e classificatória, não contribuindo para a construção do conhecimento e criando lacunas na aprendizagem.

É notável a grande importância da avaliação para o processo de ensino e aprendizagem, por isso, ao avaliar o aluno é preciso definir os objetivos que este deve alcançar e levar em consideração um ensino diferenciado, para que o professor possa reconhecer se aquilo que é comumente associado às dificuldades de aprendizagem dos alunos não é, na verdade, fruto de problemas no ensino, os quais, a partir da identificação através da avaliação, talvez possam ser superados. Quando os objetivos não são alcançados, o professor deve voltar e criar novas estratégias para que a construção do conhecimento do aluno seja concretizada.

### 3. AJUSTANDO A LUPA

#### 3.1 FOCALIZANDO A LEITURA

Segundo Silva (2002, p. 16):

A leitura ocupa sem dúvida um espaço privilegiado não só no ensino da língua portuguesa, mas também no de todas as disciplinas acadêmicas que objetivam a transmissão de cultura e de valores para as novas gerações. Isso porque a escola é, hoje e desde há muito tempo, a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adentramento e a participação no mundo da escrita utilizando-se primordialmente de registros verbais escritos (textos) em suas práticas de criação e recriação de conhecimento.

Concordo com Silva, pois a leitura nos abre a percepção para novas ideias, enriquece nosso vocabulário, estimula nosso cérebro à assimilação de novas palavras. E para tornar o aluno familiarizado com a leitura é necessário trabalhar isto desde as séries iniciais. O aluno precisa ter em casa, um estímulo para encontrar na leitura um mundo lúdico e de conhecimento e tê-la como forma de prazer, não de chateação ou castigo. Assim, o desafio da escola é despertar no aluno o desejo de ler e mergulhar em um mundo mágico, na interação com o autor, concordando ou discordando dele, e formulando sua própria opinião a respeito daquilo que leu. Lendo frequentemente, o

aluno cria familiaridade com as palavras e desenvolve sua imaginação, criatividade e valores. Tornando a leitura um hábito, o homem torna-se consciente das suas necessidades, promovendo a sua transformação e a do mundo. O ato de ler “implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘re-escrita’ do lido” (FREIRE, 2005, p. 21).

Não ter o hábito da leitura torna-se um entrave no processo de desenvolvimento do aluno. Uma vez que ele não a vê como algo prazeroso, não se sente motivado a ler diariamente e espontaneamente, deixa para trás chances de enriquecimento cultural.

A grande maioria dos alunos só faz leitura por obrigação, apenas quando é determinado, sem dar à leitura seu real valor, sem perceber a necessidade de ler. Ignora o ato de ler para buscar informações, conhecimentos, para enriquecer o vocabulário, para visualizar palavras e perceber sua ortografia. Faz leitura mais por exigência de uma avaliação, para poder responder às questões pouco interessantes dos livros didáticos e cujas respostas são avaliadas pelo professor. Quase nunca a leitura vem ligada à satisfação. Entretanto, não basta identificar as palavras, é preciso compreender, interpretar, relacionar e reter o que for mais relevante, desenvolver o conhecimento da leitura. Nas salas de aula de Língua Portuguesa, encontramos um Ensino que reduz a Linguagem à Gramática, ou seja, a um conjunto de regras muitas vezes decoradas. Porém, a nossa Língua Materna é bem mais que isto.

Quem lê interpreta, questiona, estabelece julgamentos do que pode e deve fazer, exercendo plenamente a sua cidadania. Quem lê pode mudar a realidade para melhor. A leitura está basicamente relacionada ao fato de possibilitar ao ser humano o seu sucesso. A tomada de consciência da sua importância torna-se essencial para que se valorize muito a leitura. Um bom educador age conscientemente cobrando do aluno a leitura diária em casa, além de estimular idas às bibliotecas. É interessante ressaltar a importância da biblioteca dentro do ambiente escolar. A mesma impulsiona o hábito da leitura, e o professor sabendo fazer bom uso deste recurso, incentiva seus alunos a irem à biblioteca sempre, e não apenas para cumprir atividades exigidas pela escola.

De acordo com Lourenço Filho (1946, p. 4):

Ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem tentativa de estimular, coordenar e

organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto.

É fundamental também deixar que o aluno escolha o livro que deseja ler, que ele mergulhe naquilo que lhe dá vontade, lhe satisfaz no momento. Nenhuma leitura é considerada perda de tempo. Tudo que se lê é válido para o conhecimento. Incentivar o aluno à leitura é também deixar que ele manifeste seu próprio gosto sobre os gêneros textuais e assim possa construir sua própria identidade enquanto leitor. Já não se usa mais a leitura forçada, como método de ensino; é preciso que se compreenda o texto à sua maneira e não necessariamente através de questionários que pouco contribuem para o ensino. É preciso que o leitor explore prazerosamente o texto, o gênero textual por ele escolhido.

### 3.1.1 SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS

Segundo Koch (2006), na medida em que são expostos a um número infindável de gêneros textuais, os indivíduos desenvolvem uma competência metagenérica que lhes possibilita interagir de forma adequada com os mais diversos textos que circulam nas diferentes esferas das práticas sociais, já que a partir da identificação do gênero o leitor saberá o que buscar no texto lido.

Observamos em sala de aula, que a maioria dos professores limita-se a um gênero textual, e quando trabalham com outros não explicam sobre suas características. É necessário que o aluno reconheça as características que diferem os diversos gêneros, os aspectos específicos que encontramos, por exemplo, em reportagens, horóscopos, receitas culinárias, bulas de remédio, listas de compras, cardápios de restaurantes, instruções de usos, resenhas, piadas, conferências, cartas eletrônicas, bate-papos por computador, aulas virtuais, cartas, contos, romances, bilhetes, crônicas, mensagens, parábolas, artigos de opinião, fábulas, entre outros. É importante identificar o estilo de cada um e dessa forma contribuir no processo de construção do conhecimento de cada aluno, focalizando os gêneros textuais presentes em seu cotidiano social. No processo de ensino-aprendizagem, não basta disponibilizar aos alunos modelos de textos, é necessário refletir sobre as formas de utilização de cada um considerando seu contexto de uso e seus interlocutores. É preciso trabalhar a língua como uma unidade de ensino e os gêneros como objeto desta.

Para Marcuschi (2008, p.19),

Os gêneros não são superestruturas canônicas e deterministas, mas também não são amorfos e simplesmente determinados por pressões externas. São formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de formação social e de produção de sentidos. Assim, um aspecto importante na análise do gênero é o fato dele não ser estático nem puro. Quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sócio-discursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual.

O autor salienta que é essencial compreender os gêneros textuais como algo dinâmico, fluido e principalmente incapaz de ser compreendido e assimilado apenas de maneira classificatória e tampouco de descrições linguísticas, tendo em vista que esta seria uma visão reducionista e formalista dos gêneros. O autor concebe gênero como uma atividade social, isto é, os gêneros se proliferam para dar conta da variedade de atividades que estão presentes no cotidiano dos indivíduos.

Deste modo, os gêneros textuais contribuem para a integração do sujeito na cultura, visto que tais estudos estão vinculados à vida e às formas de ação social, fazendo parte das interações comunicativas.

A análise de um gênero requer do leitor que ele acione os conhecimentos prévios construídos socialmente no ambiente formal da escola ou fora dela.

### 3.1.2 CONHECIMENTOS PRÉVIOS

No nosso contexto educativo, ensina-se nas aulas de Língua Portuguesa a dar respostas objetivas, negando-se assim a subjetividade e impedindo os debates e reflexões críticas sobre os temas propostos. A aula de Literatura, por exemplo, é apenas mais um espaço onde se apresentam autores e obras que não fazem parte do mundo dos alunos. Assim que o sinal toca, o aluno esquece-se de tudo que foi dito em sala, porque tudo que ouviu e viu não interagiu com sua realidade, com sua forma de ver as coisas. Não há uma assimilação do que foi dito, porque não há prazer em ser assimilado. Numa turma, cada aluno tem sua própria forma de interpretação. No meio em que vivem adquirem o conhecimento prévio que levam para dentro da Escola; mas muitas vezes tal conhecimento não é sequer considerado.

Para que uma atividade obtenha êxito, é necessário que haja uma interação com o mundo do aluno, de modo que ele possa ver-se dentro do que ouve e lê, e assim possa desenvolver suas próprias ideias num papel. Segundo Miras (1997), os conhecimentos prévios englobam não só conhecimentos sobre determinados conceitos, como também relações diretas ou indiretas que o aluno seja capaz de estabelecer com o novo conteúdo. Os conhecimentos prévios dos alunos são fundamentais no processo de aprendizagem. A compreensão de novos elementos se constitui através da relação de nossos conhecimentos anteriores com os novos saberes.

A leitura não deve ser uma ação mecânica, pelo contrário, deve ser cobrada, incentivando-a sempre para que o leitor tome gosto pela mesma. E, para compreendê-la no todo, há necessidade de que se aprenda a ler e se leia muito. Agindo assim, o aluno não encontrará dificuldades em outras matérias, pois todas dependem da leitura. O ato de ler deve acompanhar o ser humano por toda a vida. Isso é muito importante.

### 3.2 FOCALIZANDO A ESCRITA

Conversando com os alunos, no último dia de estágio, ouvi algo que me chamou a atenção: “ano passado, eu fiz uma redação e a professora não corrigiu um monte de palavras erradas que eu escrevi. Só soube que estavam erradas, porque quando fui escrever em outro lugar, me disseram”. Os alunos relataram que raramente tinham lido algum livro desde que entraram no ensino fundamental, no máximo, resumos de internet e que algumas avaliações eram feitas através apenas de participações em sala de aula e em “exercícios de fixação”. Ou seja, muitos professores não só de Português, mas de outras disciplinas, cobram apenas o conteúdo e não se importam com os erros ortográficos ou de concordância, que passam despercebidos. E no final do ano letivo, constata-se que a maioria tira notas excelentes, porém continua despreparada para enfrentar provas, vestibulares ou concursos públicos, porque não consegue interpretar e escrever.

Aprender significativamente a língua materna é estar disposto a interpretar e produzir seus próprios textos. Para escrever sobre algo, é preciso que se conheça este algo. Para escrever bem, é preciso, antes de tudo ter o que dizer. O tempo destinado à questões como encontros consonantais, por exemplo, poderia ser bem melhor

aproveitado com leitura de textos ricos em ideias e imagens, sejam eles literários ou não.

De acordo com Antunes (2003, p.54),

Elaborar um texto escrito é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente, pela codificação das ideias ou das informações, através de sinais gráficos. Ou seja, produzir um texto não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever. Não começa, portanto, quando tomamos nas mãos papel e lápis. Supõe, ao contrário, várias etapas, interdependentes e intercomplementares, que vão desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da escrita.

É certo que pouco se vê hoje em dia questões dissertativas em provas ou atividades para os alunos. Vemos questões de múltipla escolha que substituíram a possibilidade de o aluno responder as questões expressando-se através de palavras, com o intuito dos professores corrigirem todos os exercícios em menos tempo. Ler as respostas dos alunos virou perda de tempo. Mas é exatamente neste momento de correção que o professor percebe entre outras coisas, a capacidade do aluno em opinar, escrever corretamente as palavras e em sintetizar sua resposta. É quando ele a seu modo, explica o quê e como entendeu tal conteúdo. Não é possível que se perpetue a prática de resumos (que muitas vezes os alunos retiram da Internet), e a prática de usar os textos apenas para explicações gramaticais. As famosas “cópias” de livros ainda existem por aí, sem nenhuma exigência crítica sobre o que está sendo copiado. Este tradicionalismo da Língua portuguesa tem levado muitos jovens a reprovações em processos seletivos, porque não conseguem desenvolver com criatividade e sentido as redações propostas. Além da pobreza de vocabulário, sequer conseguem organizar seus textos em: introdução, desenvolvimento e conclusão. Constroem frases sem que haja uma ligação entre elas, e fogem do tema sugerido. Além disso, quando os professores trabalham textos com a turma, trabalham apenas com textos dissertativos, sem levar em consideração a diversidade dos gêneros textuais que também são importantes.

O Professor está diante de uma situação nada animadora. Muitos alunos demonstram claramente a falta de habilidades em produzirem textos com coesão e coerência.

As reflexões sobre a aula da língua materna e especificamente sobre a leitura e a escrita, objetivo maior deste artigo que desenvolvi, surgiram da preocupação com o desenvolvimento destas práticas na escola e isto ocorreu no momento do estágio como foi posto no início do trabalho. Por este motivo, penso ser necessário falar da contribuição do estágio docência para a formação profissional.

#### 4. A ATUAÇÃO DO PROFESSOR E A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO DOCÊNCIA PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL: RELATO DE UMA VIVÊNCIA

Logo que cheguei à escola, conversei com a professora, e ela me contou como era a turma e quais as dificuldades que eles enfrentavam, além de pedir que eu desse continuidade ao conteúdo que ela havia iniciado. Um ponto que ela logo me adiantou, dentre outros, e que me chamou bastante atenção, foi exatamente a dificuldade enfrentada pelos alunos com a leitura e conseqüentemente com a escrita, apesar de ser uma turma do ensino médio. Fez-me alguns relatos e explicou como estava tentando reverter a situação. Para uma melhor atuação, observei as aulas da Professora por alguns dias, antes de dar início à minha regência. Desta forma pude perceber aspectos relevantes para a elaboração do meu Planejamento.

Durante o período em que permaneci na escola como estagiária pude interagir com a direção, professores, funcionários e alunos, sendo do início ao fim muito bem acolhida e atendida por toda comunidade escolar.

A professora me mostrou alguns textos da turma e no momento em que os li, percebi que apresentavam problemas das mais variadas ordens: fuga ao tema, rupturas sintáticas, desvios ortográficos, falta de coesão e coerência, intervenções da oralidade na escrita, pobreza de vocabulário, entre outros. Ela pediu para que eles lessem parágrafos de um texto que ela lhes entregou e notei que alguns até mal sabiam ler uma frase respeitando as pontuações necessárias. Na escrita, demoravam muito e tinham muitos problemas com a ortografia. Entendi que a grande maioria da turma lia sem ao menos entender o que estava lendo, porque liam superficialmente. Quando questionados sobre a compreensão do texto, respondiam apenas coisas que estivessem totalmente explícitas,

sem nenhum esforço de interpretação. Isto me ajudou a compreender o que dizem Koch e Elias (2006). Para estas autoras, a leitura de um texto exige de um leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é um simples produto de codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor.

Para Kock (1989, p. 19), o texto:

É a unidade básica de manifestação da linguagem. [...] é muito mais que uma soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa.

Os alunos daquela turma precisavam ler. Mais do que isso, precisavam compreender o que liam, ultrapassar aquela barreira que os impediam de conversar sobre o que tinham acabado de ler, tirando suas conclusões. Não opinavam, não argumentavam sobre nada do que lhes era proposto na leitura.

É preciso levar os alunos a compreenderem que um texto abre possibilidades de argumentação, pois, lendo um texto, o sujeito realiza intencionalmente algo para si e para o mundo em que vive. De forma explícita ou implícita, faz suas argumentações. Segundo Koch (2001, p.60), a argumentatividade permeia todo o uso da linguagem humana, fazendo-se presente em qualquer tipo de texto e não apenas naqueles tradicionalmente classificados como argumentativos. Não há texto neutro, objetivo, imparcial: os índices de subjetividade se introjetam no discurso, permitindo que se capte a sua orientação argumentativa. A pretensa neutralidade de alguns discursos (o científico, o didático, entre outros) é apenas uma máscara, uma forma de representação: o locutor se representa no texto “como se” fosse neutro, “como se” não estivesse engajado, comprometido, “como se” não estivesse tentando orientar o outro para determinadas conclusões, no sentido de obter dele determinados comportamentos e reações.

No meu primeiro dia de regência, a professora me apresentou à turma e eu falei um pouco sobre o motivo pelo qual estava ali. Disse que daria continuidade ao conteúdo que eles já haviam iniciado: Figuras de Linguagem. E então, fiz um resumo das figuras já conhecidas por eles. Fiz uma breve explicação. Antes de começar a explicar as outras figuras, e já sabendo pela professora da dificuldade daquela turma em leitura e especialmente escrita, entreguei para eles um texto impresso, onde encontravam todas



as figuras que eles já haviam estudado. Quando fui entregando, ia percebendo a fisionomia de descontentamento com o texto. Ouvi um aluno dizer: “*se for para eu ler, eu saio.*” Comecei a leitura, parei no primeiro parágrafo e a professora leu o segundo, logo após eu perguntei quem gostaria de continuar, e uma jovem continuou. Depois dela, os seguintes parágrafos foram lidos pelos alunos espontaneamente. Eles mesmos iniciavam um após o outro. Fiquei muito chocada com a leitura deles. Numa turma de quase vinte alunos, creio que apenas uns oito liam de forma correta. Faziam uma leitura rápida, que ninguém acompanhava, sem respeitar quase nenhum sinal de pontuação. Palavras ficavam engasgadas e não saíam, e viravam piadas entre eles, mas nada que nós não pudéssemos conter. Compreender o texto foi uma situação muito pior. Se não fazem a leitura adequada, obviamente não podem compreendê-la. Não entenderam, apenas superficialmente leram. Eu reli todo o texto e iniciamos a compreensão, e logo em seguida entrei no assunto já abordado.

Diante desta situação, e depois de observar o nível de deficiência que os alunos também tinham na produção de textos, resolvi ajudá-los. Conversei com a professora e refiz todo o meu planejamento de aulas para que pudéssemos melhorar a situação. Preparei aulas explicativas, atividades em sala, e ainda Oficinas que contaram com a participação da turma. Dentre as oficinas destaco uma espécie de palavras cruzadas no quadro. Levei em cartolinas, frases com as respectivas figuras de linguagem, para que eles completassem os espaços em branco com as figuras adequadas através de colagem das letras. À medida que eu ia lendo as frases, quem soubesse qual seria a figura levantava-se e preenchia os espaços com as letras na cartolina. Aprendiam desta forma a encontrar as figuras através das frases e dicas, e a escrevê-las corretamente. Destaco ainda slides que levei com histórias em quadrinhos. Nos diálogos destaquei as figuras e mesmo antes de dizê-las, alguns alunos já as identificavam. A turma se mostrou atenta aos slides e as oficinas surtiram um bom efeito; senti que os alunos participando de atividades diferentes, aprendem mais eficazmente. Enfim, encontrei nos recursos uma forma de repassar o conteúdo de maneira agradável. Percebi isto quando fazia atividades orais. Eles respondiam com mais facilidade àquelas questões que envolveram uma metodologia diferente daquela que eles já haviam utilizado anteriormente.

Levei também em outras aulas revistas para recortes, letras de músicas e os áudios para cantarmos em sala de aula. Enfim, tentei com a ajuda da professora fazer com que os alunos se interessassem e tomassem gosto pela leitura e pela escrita sem que

isto fosse uma obrigação para ganharem notas. Em uma das aulas, pedi que trouxessem de casa uma revista, ou livro que tivesse algum tipo de texto que eles gostassem. Apareceu de tudo, até livros de piadas. Alguns levaram romances, outros levaram revistas de modas, outros culinárias, e etc. Pedi então que fizessem uma pequena leitura do que trouxeram e nos dissessem por que haviam trazido. Logo depois, pudemos encontrar dentro dos textos que trouxeram, figuras de linguagem que estávamos trabalhando naquela aula. Minha intenção foi fazer com que eles relacionassem a leitura com a gramática e entendessem que as duas andam juntas.

É comum ouvirmos professores dizerem que os alunos demonstram desinteresse, aborrecimento e dispersão em sala de aula. É complicado fazer com que a turma fique atenta às explicações. A utilização de recursos didáticos em sala de aula além daqueles que frequentemente se utilizam, é uma boa estratégia, principalmente quando tais recursos são inspirados em elementos do cotidiano dos alunos, já que demonstra para a turma que algo que ela gosta de fazer fora da escola, pode também ser utilizado como instrumento de aprendizagem dentro da escola.

Castoldi e Polinarski (2009, p.985) afirmam que,

[...] com a utilização de recursos didático-pedagógicos pensa-se em preencher as lacunas que o ensino tradicional geralmente deixa, e com isso além de expor o conteúdo de uma forma diferenciada, faz os alunos participantes do processo de aprendizagem.

Apesar dos benefícios desempenhados pelos recursos didáticos, não são todos os professores que exploram esses benefícios. Segundo ESCOLANO (2010), isso acontece por falta de confiança ou por comodismo por parte do professor, que usa quase que exclusivamente o livro didático como recurso para as aulas. CASTOLDI (2009, p. 685), também afirma que, “... a maioria dos professores tem uma tendência a adotar métodos tradicionais de ensino, por medo de inovar ou mesmo pela inércia, há muito estabelecida, em nosso sistema educacional”. Isso leva conseqüentemente, a uma dependência muito grande do livro, comprometendo a aprendizagem do aluno.

Não é raro, encontrarmos por aí alunos que não gostam de estudar Português. Dizem ser uma disciplina difícil de ser entendida, complicada, cheia de regras que dificultam o aprendizado; foi exatamente isto que ouvi nas aulas em que eu estagiei.

Mas, quando se tratava de uma redação ou qualquer outra atividade em que fosse preciso ler ou escrever, a situação piorava. Notava claramente a sensação de chateação ou receio que sentiam. Sugeriam-me trocar a atividade de escrita pelos relatos orais. Quando eu os questioneei o porquê, me disseram apenas “que não gostavam e que não sabiam, ou que as ideias sumiam quando começavam a escrever, e que o pior seria o início da redação”. Não importava o tema, eles se recusavam a escrever. Tais situações me fizeram crer que realmente aquela turma não estava preparada para um Ensino Médio, e que o problema não teve origem ali, naquela série, mas, já vinha das outras séries nas quais foram sendo aprovados apenas com questões gramaticais descontextualizadas. Prioriza-se um ensino fragmentado de classificação, flexão e análise sintática de algumas palavras fora de contextos enunciativos reais, e assim perpetua-se cada vez mais o mito de que a Língua Portuguesa é difícil, e de que sua gramática é muito complicada.

Percebi que estava diante de uma situação que não atingia apenas uma pequena parte da turma, mas a maioria. Grande parte não possuía habilidade para articular suas próprias ideias, de forma coesa e coerente. Em meio a uma sociedade em constante inovação, me deparei com jovens prestes a passarem por processos seletivos para entrar na Universidade, com índices baixíssimos em relação ao domínio da Leitura e da Escrita. Eles passaram de uma série para outra sem estarem devidamente preparados para isto. Com tantas mudanças sociais e educacionais, ou a escola acompanha este processo inovando práticas de transformação da realidade, ou acabará por não oferecer aos alunos um ensino de qualidade. É preciso que a escola procure meios de desenvolver ações para chamar a atenção da turma, instigando-a a fazer questionamentos sobre os próprios conhecimentos. Fazer com que os alunos percebam que podem agir de maneira crítica, entendendo que são cidadãos capazes de interagir e transformar o meio em que vivem.

Durante o período em que estagiei, tentei fazer com que eu não estivesse ali simplesmente como exigência do Curso, mas que eu observasse as aulas como um modo de entender em que exatamente estava me formando, e em que campo de atuação possivelmente iria atuar. Obtive assim experiências, e comecei a constituir minha identidade profissional.

Para a realização das minhas aulas no estágio, as contribuições das disciplinas foram inegáveis, vale salientar a disciplina Prática Pedagógica, que além de me oferecer subsídios teóricos, as discussões em sala de aula e o conhecimento que eu adquiri, me deram segurança e tranquilidade nas atividades de regência.

A partir do estágio, o aluno-estagiário pode ou não tomar mais gosto pela profissão e buscar melhoras para os métodos de ensino. Senti-me bem, vendo que estou caminhando para uma profissão que apesar de todos os percalços que enfrenta, e não são poucos, é muito gratificante. Mais uma vez ressalto que esta experiência motivou-me a pesquisar a questão leitura/escrita, e disto resultou este artigo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) é de que o Ensino de Língua Portuguesa forme alunos leitores e capazes de produzir qualquer modalidade de texto.

De acordo com os PCN's (volume 2, 1997, p. 52/53),

Leitura e escrita são práticas complementares fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento – a escrita transforma a fala (a construção da “fala letrada”) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços de oralidade” nos textos escritos). São práticas que permitem ao aluno constituir seu conhecimento sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita. A relação que se estabelece entre leitura e escrita, entre o papel de leitor e de escritor, no entanto, não é mecânica: alguém que lê muito é automaticamente, alguém que escreve bem. Pode-se dizer que existe uma grande possibilidade de que assim seja. É nesse contexto considerado que o ensino deve ter como meta formar leitores que sejam também capazes de produzir textos coerentes, coesos, adequados e ortograficamente escritos – que a relação entre essas atividades deve ser compreendida.

A leitura é o principal meio para que o aluno possa aprimorar sua escrita. Se desde as séries iniciais, o aluno vivenciar rotineiramente este processo de leitura em sala de aula e em casa, dificilmente terá dificuldades no decorrer dos anos letivos. Quando o aluno faz a leitura por satisfação e não por obrigação, conseqüentemente absorve mais

informações. A leitura faz com que ele também possa dar a volta ao mundo, através da sua imaginação e do aprendizado que ela oferece. Lendo e conhecendo diversificados gêneros textuais, o aluno naturalmente escreve mais e melhor sobre também diversos assuntos.

É certo que há muitos professores em salas de aula, não apenas no ensino médio, que estão dando aulas sem a devida formação para isto; se utilizam de recursos didáticos ultrapassados e não se dão conta de que inovar é necessário para uma melhor assimilação de aprendizagem, especialmente nos dias de hoje, já que vivemos uma era tecnológica. Se o professor não dispõe de tais conhecimentos para aprimorar seu ensino, os alunos serão prejudicados.

Muitos professores falam sobre o bom uso dos recursos, e toda a importância da leitura e sua compreensão, e da escrita em todos os níveis de ensino, mas poucos são os que levam essas convicções para a sala de aula. Participam de planejamentos escolares, especializações, capacitações, mas na prática permanecem estáticos. Uns, porque se acomodam e esbarram nas primeiras dificuldades entre os alunos, até porque mudar o que há tempos se costuma fazer, não é tão simples. Outros, porque não encontram meios dentro do próprio ambiente escolar para realizarem as atividades, não só pela falta de recursos didáticos, mas pela falta de apoio e colaboração da própria equipe de docentes.

Um professor deve centrar-se na sua função social, no quanto seu papel é importante na vida de uma pessoa. É preciso estudar, trabalhar, pesquisar, para transmitir um conhecimento que se leva para vida toda.

Grande parte dos docentes não muda, nem aceita ou colabora com a mudança dos outros colegas de trabalho. Isto de certa forma dificulta um trabalho individual e conseqüentemente o coletivo. O educador precisa estar constantemente em busca de conhecimentos, atualizando-os, para que contribua positivamente na formação de seus alunos. É verdade que ainda há muita coisa a ser feita na Educação Brasileira para que ela de fato possa seguir o caminho correto. A escola deve proporcionar aos alunos um ambiente rico, utilizando uma tipologia variada de textos que circulem em nossa esfera social, formando um novo público leitor capaz de entender a sociedade em que vive e transformá-la.

Feitas estas considerações, concludo afirmando que, espero que esta reflexão possa contribuir para intensificar o debate acerca da temática em estudo, enriquecer as discussões sobre as dificuldades da leitura e da escrita vivenciada no cotidiano da escola, e para o reconhecimento das condições de produção de leitura e escrita como fatores importantes na formação de leitores críticos e criativos, com vistas ao despertar do senso crítico do aluno-leitor.

É preciso que se volte a acreditar na Escola como o espaço para o desenvolvimento da leitura e da escrita. É fundamental que todo estudante saiba escrever de forma eficaz, independente de sua condição social ou forma de vida. É função da escola e do professor auxiliar nesse processo de aquisição de habilidades indispensáveis para a formação de cada ser humano. Cabe também ao professor proporcionar um ambiente e materiais propícios para que facilitem a formação de uma geração capaz de ler e escrever, nas diversas formas de Linguagem.

## 6. REFERÊNCIAS PROFISSIONAIS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação **Indicadores da qualidade na educação: dimensão ensino e aprendizagem da leitura e da escrita/Ação Educativa**. São Paulo: Ação Educativa, 2006.

CASTOLDI, R; POLINARSKI, C. A. **A utilização de Recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem**. Ponta Grossa, PR, 2006. Disponível em:<[http://www.pg.utfpr.edu.br/sinect/anais/artigos/8%20Ensinodecienciasnasseriesinicias/Ensinodecienciasnasseriesinicias\\_Artigo2.pdf](http://www.pg.utfpr.edu.br/sinect/anais/artigos/8%20Ensinodecienciasnasseriesinicias/Ensinodecienciasnasseriesinicias_Artigo2.pdf)>. Acesso em 03/02/2014.

ESCOLANO, A. C. M; MARQUES, E. de. M; BRITO, R.R. de. **Utilização de recursos didáticos facilitadores do processo ensino aprendizagem**. Ponta Grossa, PR, 2010. Disponível em:<[www.isapg.com.br/2010/ciepg/download.php?id=90](http://www.isapg.com.br/2010/ciepg/download.php?id=90)>.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 46ª ed. São Paulo: Cortez, 2005, 87 p.

FUSARI, José Cerchi. **O planejamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas**. Disponível em <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias>. Acesso em 23/02/2014.

HOFFMANN, J. **Avaliação – mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. 33ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2003, 104 p.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação,2005.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2000.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. 7. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.206 p.

KOCH, Ingedore Villaça. TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 8.

KRAMER, Sônia. **Escrita, experiência e formação: múltiplas possibilidades de criação escrita**. In: YUNES, Eliana. **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **O ensino e a biblioteca**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, Literatura e Escola – sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Cortez, 2008.

MENEGOLLA, Maximiliano. SANT’ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar?** 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MIRAS, M. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

MIRAS, M. **O ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios**. In: COLL, C. **O construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

PCNs: **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, MEC/SEF, 1997.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

RIBEIRO, O. M., 2001. **Ensinar ou não gramática na escola - eis a questão**. Linguagem & Ensino, Volume 4, pp. 141-157.

SCILIAR, Moacyr. In: Blau – **Jornal bimestral de literatura**, Porto Alegre, n. 5, agosto de 1995.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A produção da leitura na escola: Pesquisas x Propostas**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM: “INFANCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS”. Maringá, PR, 2007. Disponível em: <[http://www.pec.uem.br/pec.uem/revistas/arqmudi/volume\\_11/suplemento\\_02/artigos/019.pdf](http://www.pec.uem.br/pec.uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.pdf)>.

VASCONCELLOS, Celso dos S: **Planejamento Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico** Ladermos Libertad-1. 7º Ed. São Paulo, 2000.